

"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



UM BEIJO À MEIA-NOITE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Prólogo



Fra uma vez, não muito tempo atrás...

A história começa com uma carruagem que nunca foi uma abóbora, embora parta em disparada à meia-noite; começa com uma madrinha sem varinha de condão, que perde de vista sua protegida; e começa com vários ratos que, secretamente, teriam adorado usar librés.

É claro que também há uma garota, embora ela não saiba dançar nem deseje se casar com um príncipe.

Mas, para falar a verdade, tudo começou com os ratos.

Todo mundo dizia que eram incontrolláveis. E a governanta, a Sra. Swallow, estava sempre reclamando deles.

– Não suporto esses vermezinhas que roem um par de sapatos quando a pessoa não está olhando – disse ela ao mordomo, uma alma acolhedora que atendia pelo nome de Sr. Cherryderry.

– Sei bem o que a senhora quer dizer – respondeu ele, sua voz com uma nota de irritação que a mulher não ouvia com muita frequência. – Não tolero esses bichos de jeito nenhum. Aqueles focinhos pontudos, os barulhos noturnos e...

– E a maneira como comem! – interrompeu a Sra. Swallow. – Direto da mesa, direto dos pratos.

– É, *direto* dos pratos – concordou Cherryderry. – Vi com meus próprios olhos, Sra. Swallow, eu juro! Pelas mãos da própria Sra. Daltry!

O grito de horror emitido pela Sra. Swallow teria repercutido até o salão... se alguma pessoa naquele cômodo pudesse ouvir alguma coisa além da algazarra dos ratos.

Capítulo 1



Casa Yarrow

*Residência da Sra. Mariana Daltry, de sua filha, Victoria,
e da Srta. Katherine Daltry*

A Srta. Katherine Daltry, conhecida por todos como Kate, desceu do cavalo espumando de raiva.

É preciso dizer que tal estado de espírito lhe era familiar. Antes da morte do pai, sete anos antes, havia momentos em que ela se irritava com a nova madrasta. Mas foi só depois que ele partiu, e que a Sra. Daltry começou a ditar as ordens, que Kate aprendeu o verdadeiro significado da palavra “raiva”.

Raiva era o que sentia ao ver os inquilinos daquelas terras sendo obrigados a pagar aluguel dobrado ou sendo expulsos das casas onde haviam passado a vida inteira. Raiva era o que sentia ao ver as colheitas fenece-rem e o mato crescer porque a madrasta não queria gastar dinheiro com a manutenção da propriedade. Era o que sentia ao ver a fortuna de seu pai transformada em vestidos, chapéus, rendas... enfeites tão numerosos que não existiam dias suficientes no calendário para que a madrasta e sua filha usassem tudo.

Raiva era o que sentia ao ver os olhares de piedade que lhe dirigiam conhecidos com quem nunca mais se encontrara para jantar. Era o que sentia por ter sido relegada a um acanhado quarto no sótão, denunciando sua posição inferior naquela casa. Era a autodepreciação que sentia por

não conseguir partir e dar as costas àquela situação. Era um sentimento alimentado pela humilhação, pelo desespero e pela certeza absoluta de que o pai devia estar se revirando no túmulo.

Subiu os degraus da entrada pisando duro – ou preparando-se para a batalha, como teria dito seu pai.

– Olá, Cherryderry – cumprimentou, quando o mordomo querido abriu a porta. – Está trabalhando como laçaió agora?

– A Pessoa enviou os laçaios a Londres em busca de um médico – informou Cherryderry. – Para ser exato, de dois médicos.

– Ela teve um ataque? – indagou Kate, tirando as luvas com cuidado, pois o couro estava se soltando do forro na altura do punho.

Houve um tempo em que ela teria se perguntado se a madrasta (conhecida por todos na casa como “a Pessoa”) estava de fato enferma e precisando de ajuda, mas agora simplesmente não acreditava mais. Não após tantos anos de alarmes falsos, de gritos no meio da madrugada que na maioria das vezes não passavam de episódios de indigestão.

Mas a esperança é a última que morre, como dissera Cherryderry certa vez.

– Dessa vez não é para a Pessoa. O problema é o rosto da Srta. Victoria, creio eu.

– A mordida?

Ele assentiu.

– O lábio dela está bastante inchado, segundo me contou sua aia hoje de manhã.

Por mais irritada que estivesse, Kate sentiu uma onda de compaixão. A pobre Victoria não tinha muito a oferecer além de seu rosto bonito e de seus vestidos mais bonitos ainda. Partiria o coração de sua irmã postíça ficar permanentemente desfigurada.

– Preciso falar com a Pessoa sobre a esposa do vigário – disse Kate, entregando sua capa a Cherryderry. – Ou melhor, sobre a esposa do antigo vigário. Depois de sua morte, transferi a família para uma casinha afastada.

– Mau negócio – falou o mordomo. – Especialmente para um vigário. Um religioso não deveria tirar a própria vida.

– Ele a deixou com quatro filhos – contou Kate.

– Perdão, mas não é fácil para um homem superar a perda de um membro de seu corpo.

– Bem, agora seus filhos precisam superar a perda do pai – respondeu Kate, sem compaixão. – Sem falar que minha madrastra enviou ontem uma nota de despejo para a viúva.

Cherryderry franziu a testa.

– A Pessoa disse que a senhorita vai jantar com a família esta noite.

Kate parou de subir a escada.

– Ela disse o quê?

– Que a senhorita vai jantar com a família. E que lorde Dimsdale estará presente.

– Você não está falando sério...

Mas o mordomo assentiu.

– Foi o que ela informou. E mais: decidiu que os ratos de Victoria devem ir embora; mas por alguma razão ela os baniu para o quarto da senhorita.

Kate fechou os olhos por um momento. O dia começara mal e só piorava. Ela não gostava do bando de cãesinhos de Victoria, conhecidos por todos afetuosamente, ou nem tão afetuosamente, como “os ratos”. Também não gostava de Algernon Bennett, lorde Dimsdale, o noivo de sua irmã. Ele ria demais. Além disso, Kate odiava a ideia de participar de um jantar *en famille*.

Em geral, ela conseguia esquecer que um dia havia sido a dona daquela casa. Afinal, por muitos anos antes de morrer, ou seja, durante a maior parte da vida de Kate, sua mãe permanecera enferma e presa ao próprio leito. Então, enquanto crescia, Kate ocupava o lugar em frente ao pai à mesa de jantar e decidia os menus com a Sra. Swallow. Suas expectativas eram, antes, debutar, se casar e criar seus filhos naquela casa.

Mas isso foi antes da morte do pai. Após sua partida, ela se transformara em uma espécie de faz-tudo, moradora do sótão.

E, agora, precisava jantar usando um vestido fora de moda e suportar os gracejos presunçosos de lorde Dimsdale. Por quê?

Subiu a escada correndo, pressentindo algo ruim. A madrastra estava sentada à penteadeira, examinando o rosto. A luz vespertina derramava-se sobre seu ombro, iluminando o cabelo, que reluzia num tom feroz de amarelo como se as mechas fossem feitas de minerais. Ela usava um vestido matinal, de cintura alta, com um corpete pregueado com uma tela lilás e um longo laço pendente que se arrastava pelo chão. Era lindo... para uma debutante.

Mas Mariana não se conformava em ter mais de 30 anos. Na verdade, nunca aceitara o fato de ter saído da casa dos 20. Assim, vestia-se de modo a criar uma versão aproximada da Mariana adolescente. Uma coisa poderia ser dita a favor da madrastra de Kate: ela era dona de uma bravura ingênua, uma espécie de menosprezo feroz às convenções que determinavam como uma mulher deveria envelhecer.

Naturalmente, se as roupas de Mariana eram a expressão externa de sua ambição, também eram o refúgio de um fracasso. Pois nenhuma mulher consegue aparentar 20 anos quando já tem 40, e nem mesmo um vestido deliciosamente sensual é capaz de restaurar a juventude perdida.

– Imagino que tenha concluído suas peregrinações junto aos amigos e resolvido voltar para casa – disse Mariana, em tom ácido.

Kate deu uma olhada na alcova da madrastra e decidiu remover uma pilha de roupas de cima daquilo que ela imaginou ser uma banquetta, para poder sentar-se. O cômodo estava repleto de pilhas de peças de algodão e seda brocada jogadas sobre as cadeiras. Ou, pelo menos, onde supostas cadeiras estavam. O lugar parecia uma paisagem nevada em tons pastel, com montanhas macias de tecido aqui e ali.

– O que você está fazendo? – perguntou a madrastra, agitada, ao ver Kate com os vestidos nos braços.

– Estou me sentando – respondeu Kate, largando as roupas no chão.

A madrastra levantou-se de um salto e soltou um guincho.

– Não trate meus vestidos assim, garota estúpida! Esses aí chegaram há um ou dois dias. São magníficos. Você vai ter que passá-los a ferro durante toda a noite se eu encontrar o menor amassado.

– Não passo roupas – informou Kate, com indiferença. – Lembra? Queimei um vestido branco há três anos.

– Ah, o belo vestido persa! – exclamou Mariana. – Eu o guardo... ali. – Com um dedo comprido, ela apontou para um canto onde uma imponente montanha de tecido avançava meio caminho até o teto. – Um dia desses vou mandar reformá-lo.

Com cuidado, Kate afastou um pouco mais de seu pé a pilha de roupas.

– Preciso falar com você sobre a família Crabtree.

– Meu Deus, espero que você tenha conseguido botar aquela mulher porta a fora – disse Mariana, acendendo uma cigarrilha. – Sabe que o mal-

dito procurador vem na próxima semana fazer a avaliação da minha gestão da propriedade. Se ele puser os olhos naquele chalé horrendo, não vai nunca mais parar de criar caso. Na última vez, há quatro meses, ele falou até não poder mais e eu quase morri de tédio.

– É sua responsabilidade manter os chalés em boas condições – falou Kate, levantando-se para abrir uma janela.

Mariana sacudiu a cigarrilha com desdém.

– Bobagem. Aquelas pessoas moram nas minhas terras praticamente de graça. O mínimo que podiam fazer era manter suas casas em bom estado. Essa mulher, Crabtree, está vivendo num chiqueiro. Passei por lá outro dia e fiquei horrorizada.

Kate recostou-se na cadeira e deixou que os olhos vagassem pelo cômodo. Um verdadeiro chiqueiro. Mas, depois de um momento, deu-se conta de que Mariana não percebera o insulto contido no olhar da enteada, pois abrira um pequeno frasco e pintava os lábios de cobre escuro.

– Desde que o marido morreu – disse Kate –, a Sra. Crabtree sente-se exausta e amedrontada. A casa não é um chiqueiro; está apenas desorganizada. Você não pode despejá-la. Ela não tem para onde ir.

– Bobagem – replicou Mariana, aproximando-se do espelho para examinar os lábios. – Tenho certeza de que ela já arranjou um abrigo. Ou outro homem. Já faz um ano que Crabtree partiu desta para uma melhor. A esta altura, ela já deve ter outro.

Conversar com a madrasta era sempre uma surpresa para Kate – uma surpresa ruim.

– Isso é uma crueldade – declarou Kate, reforçando as palavras para soar veemente.

– Eles têm que partir – afirmou Mariana. – Não tolero gente indolente. Fiz uma visita especial à residência do vigário na manhã seguinte à que ele pulou da ponte. Para oferecer minhas condolências.

Mariana preferia evitar todas as pessoas que trabalhavam na propriedade ou no vilarejo, salvo nas raras ocasiões em que queria se mostrar a dama do solar. Aí, ela escolhia trajes extravagantemente calculados para ofender os camponeses, descia da carruagem e decifrava nas expressões aturdidas de seus inquilinos sua natureza tola e indolente. Por fim, instruíra Kate a expulsar todo mundo de suas casas.

Por sorte, passada uma semana ela esquecia a ordem que tinha dado.

– Aquela mulher, Crabtree, estava deitada no sofá, chorando. Crianças por toda parte, um número desagradável de crianças, aliás, e lá estava ela, com ombros trêmulos como uma atriz ruim. Chorando. Talvez ela devesse se juntar a uma trupe itinerante – disse Mariana. – Não é desprovida de encantos.

– Ela está sof...

– Não tolero a indolência – interrompeu-a Mariana. – Acha que fiquei abatida, chorosa e jogada pelos cantos depois que meu primeiro marido, o coronel, morreu? Você me viu derramar uma lágrima que fosse quando seu pai se foi, embora tivéssemos usufruído apenas alguns meses de felicidade conjugal?

Kate não vira lágrimas, mas Mariana não precisava de uma confirmação.

– Talvez a Sra. Crabtree não tenha a sua força, mas ela tem quatro filhos pequenos e temos alguma responsabilidade por eles...

– Esse assunto está me entediando. Além do mais, preciso lhe falar sobre algo importante. Lorde Dimsdale virá para o jantar esta noite, e você deve estar presente – falou Mariana, soltando uma baforada.

– Cherryderry me contou. Por quê? – questionou Kate.

Fazia tempo que ela e a madrastra haviam abolido as delicadezas. As duas se odiavam, e Kate não conseguia entender por que ela exigia sua presença à mesa.

– Você vai ser apresentada aos parentes de Dimsdale dentro de alguns dias – anunciou Mariana, dando mais um trago na cigarrilha. – Ainda bem que é mais magra do que Victoria. Podemos adaptar os vestidos dela com muita facilidade. Seria mais difícil se fosse o oposto.

– Do que está falando? Não acredito que lorde Dimsdale tenha interesse em compartilhar uma refeição comigo nem que queira me apresentar a seus parentes. E o sentimento é mútuo.

Antes que Mariana pudesse fazer qualquer esclarecimento, a porta se escancarou.

– O creme não está funcionando – lamuriou-se Victoria, jogando-se sobre Mariana.

Nem chegou a ver Kate. Caiu de joelhos e escondeu o rosto no colo da mãe. No mesmo instante, Mariana pousou a cigarrilha e acariciou os cabelos da filha.

– Calma, meu bebê – sussurrou. – Claro que o creme vai funcionar. É só esperar um pouquinho. Mamãe promete que vai funcionar. Seu rosto

vai voltar a ser tão lindo como sempre foi. E, apenas por garantia, mandei chamar dois dos melhores médicos de Londres.

Kate sentiu um ligeiro interesse pelo assunto.

– Que tipo de creme você está usando?

Mariana lançou-lhe um olhar de poucos amigos.

– Nada que você conheça. É feito de pérolas esmagadas, entre outras coisas. Funciona como mágica em todo tipo de imperfeição facial. Eu mesma uso diariamente.

– Olhe para a minha boca, Kate! Estou arruinada – disse Victoria, jogando a cabeça para trás e mostrando os olhos úmidos.

O lábio inferior parecia realmente preocupante. O inchaço em tom de roxo em volta da ferida sugeria uma infecção. A boca estava ligeiramente – mas visivelmente – torta.

Kate levantou-se e aproximou-se para olhar melhor.

– O Dr. Busby já viu?

– Ele veio ontem. Mas é um velho idiota – disse Mariana. – Não se poderia esperar que compreendesse a importância do assunto. Não tinha nem uma poção nem um creme para oferecer. Nada!

Kate virou a cabeça de Victoria para o lado, para vê-la melhor à luz.

– Acho que a mordida infeccionou. Você tem certeza de que esse creme é higiênico?

– Está questionando meu julgamento? – berrou Mariana, erguendo-se.

– Sim! – respondeu Kate. – Se Victoria acabar com a boca deformada porque você lambuzou nela um remédio que algum impostor a convenceu a comprar em Londres, quero deixar claro que a culpa é sua.

– Sua criatura insolente! – exclamou Mariana, dando um passo à frente.

Victoria a conteve com o braço.

– Pare, mamãe. Kate, você acha mesmo que há algo de errado com o creme? Meu lábio lateja de um jeito terrível.

Victoria era uma garota extremamente bonita, com uma pele linda e olhos grandes e suaves que pareciam sempre um pouco úmidos, como se ela tivesse acabado de derramar algumas lágrimas. Mas, naquele momento, isso até fazia sentido, pois duas lágrimas corriam pelo seu rosto.

– Acho que a ferida pode ter infeccionado – falou Kate, franzindo a testa.

– O lábio ficou bom depressa, mas... – Ela apertou de leve, e Victoria soltou um grito. – Vai ter que ser lancetado.

– Nunca! – rugiu Mariana.

– Eu não posso permitir que cortem meu rosto – disse Victoria, trêmula.

– Mas você não vai querer ficar desfigurada – replicou Kate, esforçando-se para manter um tom de voz paciente.

Victoria piscou repetidas vezes, enquanto pensava no assunto.

– Nada será feito antes de chegarem os médicos de Londres – anunciou Mariana, recostando-se na cadeira.

Mariana mostrava enorme entusiasmo por qualquer um ou qualquer coisa que viesse de Londres. Kate suspeitava de que fosse resultado de uma infância passada no interior, mas era difícil saber, pois a madastra jamais mencionava nada que desse uma pista sobre seu passado.

– Pois bem, vamos torcer para que cheguem logo – disse Kate, pensando se um lábio inflamado poderia levar a uma infecção no sangue. Provavelmente não... – Por que deseja que eu lhe faça companhia no jantar, Mariana?

– Por causa do meu lábio, é claro – respondeu Victoria, fungando como um leitão.

– O lábio – repetiu Kate.

– Não posso fazer a visita, não é? – acrescentou Victoria, com uma falta de clareza característica e enlouquecedora.

– Sua irmã precisará fazer uma visita muito importante a um membro da família de lorde Dimsdale, dentro de alguns dias – interveio Mariana.

– Se não estivesse tão ocupada em passear pela propriedade ouvindo as histórias tristes de mulheres sem princípios, você se lembraria. Ele é um *príncipe*. Um príncipe!

Kate voltou a desabar na banquetta e olhou suas parentas. Mariana era dura e brilhante como uma moedinha nova. Em comparação, os traços de Victoria eram borrados e indistintos. O cabelo tinha uma deliciosa cor entre o louro e o ruivo, uma espécie de rosa-claro, em cachos que emolduravam seu rosto de forma atraente. O cabelo de Mariana tinha a perfeição e a minúcia de alguém com uma aia que passou três horas com um ferro para cachos na mão, executando com precisão aquilo que ela desejava.

– Não consigo ver qual a relação entre a visita adiada e a minha pessoa – disse Kate. – Mas lamento muito sua decepção, Victoria.

E era verdade. Embora odiasse a madrastra, nunca nutrira o mesmo sentimento pela irmã postiça. Victoria tinha uma natureza doce demais para que alguém não gostasse dela. Além disso, Kate não conseguia deixar de

sentir afeto por ela. Kate havia sofrido grandes abusos nas mãos de Mariana, mas, a seu ver, o tipo de afeição desmedida que a madrasta dispensava à filha era quase pior.

– Bem – disse Victoria, sentando-se pesadamente no alto de uma pilha enorme de vestidos –, você precisa ser eu. Levei um tempo para entender, mas mamãe planejou tudo com astúcia. E tenho certeza de que meu querido Algie vai concordar.

– Eu não posso ser você – falou Kate, sem emoção na voz.

– Pode, sim – garantiu Mariana, acendendo a segunda cigarrilha enquanto terminava a primeira. – E vai ser – acrescentou.

– Não, não vou. Não que eu tenha alguma ideia do que as duas estão dizendo. Ser Victoria em que contexto? Na presença de quem?

– Do príncipe parente de lorde Dimsdale, é claro – explicou Mariana, observando-a através de uma fina névoa de fumaça. – Você não estava ouvindo?

– Quer que eu finja ser Victoria? Diante de um príncipe? Que príncipe?

– Eu também não entendi, no início – falou Victoria, passando o dedo sobre o lábio machucado. – Veja bem, para que Algie possa se casar comigo, precisamos da aprovação de um parente dele.

– O príncipe – completou Mariana.

– Ele é príncipe de algum pequeno país lá no fim do mundo, pelo que Algie diz. Mas é o único representante da família materna de Algie que vive na Inglaterra, e a mãe não vai liberar a herança sem a aprovação do príncipe. O testamento do pai – confidenciou Victoria – é terrivelmente injusto. Se Algie se casar antes dos 30 anos sem a aprovação da mãe, perde parte da herança... e Algie ainda não tem nem 20!

“Bem esperto esse pai”, pensou Kate com seus botões. Pelo que vira, Dimsdale filho estava tão preparado para administrar uma propriedade quanto os ratos para aprender canto coral. Mas aquele assunto não era de sua conta.

– Os médicos vão examiná-la amanhã de manhã – falou para Victoria –, e então você vai estar pronta para ver o príncipe.

– Ela não pode ir *assim!* – disparou Mariana.

Era a primeira vez que Kate ouvia aquela nota de repugnância dirigida à filha.

Victoria olhou imediatamente para a mãe, mas não disse nada.

– É claro que pode – declarou Kate. – Isso tudo me parece uma tolice. Ninguém vai acreditar que sou Victoria. E, mesmo que acreditem, não

acha que se lembrariam depois? O que vai acontecer quando o príncipe se levantar na igreja e interromper a cerimônia alegando que a noiva não é a que ele conheceu?

– Isso não vai acontecer, pois Victoria se casará de imediato, com uma licença especial – disse Mariana. – É a primeira vez que Dimsdale é convidado ao castelo, e não podemos perder a oportunidade. Sua Alteza está convidando para o baile que celebra seu noivado, e você vai como Victoria.

– Por que não adiar a visita e ir depois do baile?

– Porque preciso me casar! – gritou Victoria.

Kate sentiu um peso no coração.

– *Precisa se casar?*

Victoria assentiu. Kate olhou para a madrastra, que deu de ombros.

– Ela está comprometida. Há três meses.

– Pelo amor de Deus! – exclamou Kate. – Você mal conhece Dimsdale, Victoria!

– Eu amo Algie – disse Victoria, demonstrando sinceridade em seus olhos grandes. – Nem quis debutar; não depois de vê-lo na abadia de Westminster naquele domingo de março, mas mamãe fez questão.

– Março – repetiu Kate. – Você o conheceu em março e agora estamos em junho. Quer dizer que Algie fez o pedido de casamento há três meses, assim que vocês se apaixonaram, e você guardou segredo?

Victoria riu.

– Você sabe exatamente quando ele fez o pedido, Kate! Foi a primeira pessoa para quem contei, depois de mamãe. Tem apenas duas semanas.

As rugas que apareceram em alguns pontos do rosto de Mariana não poderiam ser preenchidas por nenhum creme milagroso de pérolas.

– Dimsdale demorou-se ligeiramente com seus galanteios.

– Na verdade, ele parece ter se *adiantado*, e notavelmente, em seus galanteios – opinou Kate.

Mariana lançou-lhe um olhar de desaprovação.

– Lorde Dimsdale, de forma muito honrada, propôs casamento assim que compreendeu a situação.

– Eu o teria matado, se fosse você – falou Kate.

– Teria? – Ela abriu um sorriso estranho. – Você sempre foi uma tola. O visconde tem um título e uma boa fortuna, assim que conseguir botar as mãos nela. Está completamente apaixonado por sua irmã e decidido a se casar.

– Que sorte – comentou Kate, voltando o olhar para Victoria, que dava batidinhas no lábio. – Eu lhe disse para contratar uma acompanhante, Mariana. Ela poderia ter escolhido o homem que quisesse.

Mariana virou-se para o espelho sem dizer nada. Na verdade, Victoria provavelmente não seria adequada para qualquer homem. Era doce demais. Chorava demais.

Mas era incrivelmente bonita e claramente fértil. A fertilidade era uma qualidade para a mulher. Um exemplo disso era seu próprio pai, que se desesperara com o fato de não ter um filho. A impossibilidade de a mãe de Kate ter mais filhos parecia tê-lo levado a se casar apenas duas semanas após a morte da esposa... Ele devia estar ansioso *mesmo* para começar uma nova família.

Era provável que tivesse achado que Mariana era fértil. E talvez fosse um traço de família, como agora demonstrava sua filha. De qualquer forma, ele morrera antes de confirmar suas suposições.

– Então você está me pedindo para visitar o príncipe e fingir que sou Victoria – disse Kate.

– Não estou pedindo! – esbravejou Mariana no mesmo instante. – Estou ordenando.

– Ah, mãe – reclamou Victoria. – Por favor, Kate. Por favor. Quero me casar com Algie. Eu preferia... Bem, eu não entendi exatamente o que houve e... – Ela alisou o vestido. – Não quero que todo mundo fique sabendo do bebê. E Algie também não quer.

Era óbvio que Victoria não compreendia muito bem como havia engravidado. Kate ficaria surpresa se a irmã compreendesse o ato da concepção. Para não falar de suas consequências.

– Você está me *pedindo* – ressaltou Kate, olhando para a madrasta e ignorando Victoria naquele momento. – Porque, embora você possa até me obrigar a entrar na carruagem com lorde Dimsdale, certamente não poderia controlar o que eu diria ao conhecer o tal príncipe.

Mariana sorriu.

– Ainda mais relevante – prosseguiu Kate – é o fato de que Victoria debutou com muito destaque há poucos meses. Com certeza os convidados do baile já foram apresentados a ela, ou pelo menos a viram, não?

– É por isso que estou enviando você e não uma garota qualquer da rua – disse Mariana, com sua falta de cortesia habitual.

– Você vai levar meus cachorrinhos, Kate – explicou Victoria. – Fiquei famosa por causa deles. Ao vê-los, todo mundo vai achar que você sou eu. – E aí, como se tivesse acabado de se recordar de algo, outra grande lágrima deslizou por seu rosto. – Embora mamãe insista que devo desistir deles.

– Parece que eles estão no meu quarto – disse Kate.

– Agora eles são seus – declarou Mariana. – Pelo menos durante a visita. Depois disso, vamos... – ela interrompeu a frase ao olhar para a filha – ... vamos dá-los de presente a alguns órfãos que os mereçam.

– Os pobrezinhos vão amá-los – falou Victoria, com os olhos úmidos, ignorando o fato de que os tais órfãos poderiam não gostar de seus novos mascotes.

– Quem será minha acompanhante? – perguntou Kate, deixando de lado, por um momento, o destino dos ratos de Victoria.

– Pela sua desenvoltura quando circula sozinha pelo campo – disse Mariana, com a voz cheia de desdém –, creio que não precise de uma acompanhante.

– É uma pena Victoria não ter ficado ao meu lado – retorquiu Kate. – Eu teria impedido o descarado do Dimsdale de tratá-la como uma qualquer.

– Ah, e suponho que você tenha preservado sua virtude – disparou Mariana. – Ela não vai lhe adiantar de nada. E não precisa temer o assédio de lorde Dimsdale. Ele está apaixonado por Victoria.

– Está mesmo – ressaltou Victoria, fungando. – E eu também o amo.

Outra lágrima deslizou por sua face.

Kate suspirou.

– Se, fingindo ser Victoria, eu for vista na carruagem sozinha com Dimsdale, será um escândalo. E o escândalo não ficará ligado a mim, mas a Victoria. Enfim, ninguém se surpreenderá quando a criança nascer pouco depois do casamento.

Houve um momento de silêncio.

– Muito bem – concordou Mariana. – Eu acompanharia Victoria, naturalmente, mas não posso deixá-la nessas condições de saúde. Pode levar Rosalie.

– Uma criada? Você vai me dar uma criada como acompanhante?

– Qual é o problema? – questionou Mariana. – Ela pode ficar sentada entre os dois, caso você perca a cabeça e queira atacar lorde Dimsdale. Você também levará a criada dos ratos, é claro.

– Os cães de Victoria têm uma criada *própria*?

– Mary – disse Victoria. – Ela limpa as lareiras e outras coisas, mas também lhes dá um banho diário e os escova. Bichinhos são uma grande responsabilidade.

– Não vou levar Mary comigo – declarou Kate. – A Sra. Swallow não pode ficar sem ela!

Mariana deu de ombros.

– Não vai funcionar – disse Kate, tentando mudar o rumo da conversa para algum nível de sensatez. – Nem somos parecidas.

– Claro que se parecem! – disparou Mariana.

– Bem, para falar a verdade, não nos parecemos – falou Victoria. – Eu... bem, eu me pareço comigo, e Kate... bem...

– O que Victoria está tentando dizer é que ela é dona de uma beleza notável – reconheceu Kate, sentindo o coração pesado – e eu, não. Some isso ao fato de sermos somente irmãs postiças, ligadas apenas pelo casamento de nossos pais, e não há mais semelhança entre nós do que em qualquer par de mulheres inglesas vistas lado a lado.

– As duas têm a mesma cor de cabelo – observou Mariana, dando um trago na cigarrilha.

– É mesmo? – disse Victoria, desconfiada.

Na verdade, Mariana provavelmente tinha razão. Mas o cabelo de Victoria era modelado em lindos cachos, como era a última moda, e arrumado com uma delicada fita. Kate escovava o cabelo todas as manhãs, depois o torcia e o prendia à cabeça. Não tinha tempo para arrumar-se de forma meticulosa. Na realidade, não tinha tempo para se arrumar de forma alguma.

– Você está doida – declarou Kate, fitando a madrasta. – Não vai conseguir me fazer passar por sua filha.

Victoria franziu a testa.

– Talvez ela tenha razão, mamãe.

Mariana tinha uma dureza no olhar que Kate sabia, por longa experiência, ser um sinal de fúria genuína. Mas, dessa vez, havia algo mais ali, e Kate começou a se perguntar o real motivo daquele olhar tão perturbador.

– Kate é mais alta do que eu – prosseguiu Victoria, contando nos dedos. – O cabelo é um pouco mais louro, sem mencionar que é mais longo, e com certeza não temos a mesma aparência. Nem se ela vestir as minhas roupas...

– Ela é sua irmã – disse Mariana, cerrando os lábios com uma força excessiva.

– Ela é minha irmã *postiça* – falou Kate, pacientemente. – O fato de você ter se casado com meu pai não nos transforma em parentes consanguíneas, e seu primeiro marido...

– *Ela é sua irmã.*

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

